

ma todos os pesares que lhe senhoreavam os sentimentos, gritou, como fera jugulada pela dor:

— Meu filho!... Meu filho!...

E seu pranto convulsivo se fez mais angustiado, mais comovente.

A emissária do bem abraçou-a com maternal carícia e falou-lhe aos ouvidos:

— Rejubila-te, irmã querida! Grande é a tua felicidade! Podes ajudar e isso representa a ventura maior! Nada te impede auxiliar o companheiro da humana experiência, ao alcance de tuas mãos, e basta uma prece de amor puro, com o testemunho de tua compreensão e de tua piedade, para que venças a reduzida distância entre o teu sofrimento e o filhinho idolatrado!... Há vinte e dois séculos espero por um minuto igual a este para o meu saudoso e agoniado coração, de vez que os meus amados ainda não se inclinaram para mim!...

A voz de Clara parecia mesclada de lágrimas que não chegavam a surgir.

Dominada pelas vibrações da mensageira celeste, Odila agarrou-se a ela, prosseguindo em choro convulso, enquanto a instrutora repetia com desvelos de mãe:

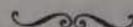
— Vamos, filha! Vamos à procura de nossa renovação com Jesus!...

Amparando-a, Clara conduziu-a para fora, colada ao próprio peito.

Junto de nós, Clarêncio informou:

— Agora, Zulmira poderá recuperar-se. A adversária retirou-se sem a violência que lhe prejudicaria o campo mental.

E, acompanhando o nosso orientador, afastámonos por nossa vez, embora conservando a atenção presa à continuação de nossa edificante aventura.



## XXIV

### CARINHO REPARADOR

Odila, sob o patrocínio da irmã Clara, foi internada numa instituição de tratamento, por alguns dias, e, durante sete noites consecutivas, visitámos Zulmira, em companhia de nosso orientador, a fim de auxiliar o soerguimento dela.

A segunda esposa de Amaro mostrava-se melhor. Mais silenciosa. Mais calma.

Não saía, porém, da inércia a que se recolhera.

Alijara a excitação de que se via objeto, mas prosseguia entregue a extrema prostração.

Subnutrida, apática, sustentava-se no mais absoluto desânimo.

Atendendo-nos à inquirição habitual, Clarêncio observou, prestimoso:

— Acha-se agora liberta, contudo, reclama estímulo para subtrair-se à exaustão. Falta-lhe a vontade de lutar e viver. Confiemos, no entanto. A própria Odila favorecer-lhe-á a recuperação. A medida que se lhe restaure a visão espiritual, a primeira esposa de Amaro aceitará o imperativo de renúncia e fraternidade para construir o futuro que lhe interessa.

Zulmira, com efeito, continuava livre e tranquila.

As peças do corpo funcionavam com irrepreensível harmonia, mas, efetivamente, algo prosseguia faltando...

A máquina mostrava-se reequilibrada, entretanto, mantinha-se preguiçosa, exigindo adequadas providências.

Transcorrida uma semana, Irmã Clara convi-  
dou-nos a breve entendimento.

Comunicou-nos que Odila revelava grande  
transformação.

Submetida à assistência magnética, a fim de  
sondar o passado, reconhecera o impositivo de sua  
colaboração com o marido para alcançarem ambos  
a vitória real nos planos do espírito.

Suspirava pelo reencontro com o filhinho, dis-  
punha-se a tudo fazer para ser útil ao esposo e  
à filhinha...

E, para tanto, combateria a repulsa espontâ-  
nea que experimentava por Zulmira, a quem auxi-  
liaria como irmã, reajustando-se devidamente para  
fortalecê-la e ampará-la.

A benfeitora mostrava-se satisfeita.

Recomendava-nos trouxesse Amaro, tão logo  
pudesse ele ausentar-se do veículo físico, na noite  
próxima, até à casa espiritual de refazimento em  
que Odila se encontrava.

Do entendimento entre ambos, resultariam de-  
certo os melhores efeitos.

A mãezinha de Evelina estava reformada e  
daria provas do reajuste, efetuando o primeiro es-  
forço para a reconciliação.

A solicitação de Clara foi alegremente aten-  
dida.

Depois de meia-noite, quando o ferroviário se  
rendeu à branda influência do sono, guiámo-lo ao  
sítio indicado.

No aposento claro e florido do santuário de  
recuperação em que Odila se localizava, aguarda-  
va-nos a instrutora junto dela.

O pai de Júlio, que seguia menos consciente  
ao nosso lado, em reconhecendo a presença da mu-  
lher que amava, ajoelhou-se, cobrou a lucidez que  
lhe era possível em tais circunstâncias, e exclamou, enlevedo:

— Odila!... Odila!...

— Amaro! — respondeu a antiga companhei-

ra, então completamente transfigurada — sou eu!  
sou eu quem te pede coragem e fé, serenidade e  
valor na tarefa a realizar!...

— Estou farto, farto... — clamou ele, agora  
em lágrimas a lhe verterem, copiosas.

Odila, sustentada pela venerável amiga, levan-  
tou-se com alguma dificuldade e, alisando-lhe os  
cabelos, perguntou, em voz comovida:

— Farto de quê?

— Sinto-me entediado da vida... Casei-me, de  
novo, como devês saber, acreditando garantir a se-  
gurança de nossos filhos para o futuro, entretanto,  
a mulher que desposei nem de longe chega a teus  
pés... Fui ludibriado! Em lugar da felicidade, en-  
contrei o desapontamento que não sei disfarçar!...

E, fitando-a com enternecedora expressão, co-  
mentou, triste:

— Nossa Júlio morreu num desastre, quando  
encerrava para mim as melhores aspirações, nossa  
filha se estiola num quarto sem alegria e a ma-  
drasta que lhes impus apodrece num leito!... Ah!  
Odila, poderás compreender o que sofro? Tenho  
rogado a morte ao Céu para que nos reunamos na  
eternidade, mas a morte não vem...

A esposa, compreensivelmente mais bela pelos  
pensamentos redentores que agora lhe manavam  
do ser, com os olhos enevoados de pranto, falou-lhe  
com inflexão inesquecível:

— Sim, Amaro, comprehendo! Também eu pa-  
deci muito, no entanto, hoje reconheço que a nossa  
dor é agravada por nós mesmos... Porque have-  
mos de converter a distância em rebeldia e a sau-  
dade em venenoso fôl? porque não reconhecer a  
Majestade Suprema de Deus, na orientação de nos-  
sos destinos? não temos sabido cultivar o amor  
que é sacrifício na Terra para a edificação de nosso  
paraíso espiritual... Temos exigido quando deve-  
mos dar, dilacerado quando nos cabe recompor!...  
Amaro, é preciso acalmar o coração para que a  
vida nos auxilie a entendê-la, é indispensável ceder

de nós, a fim de receber dos outros o concurso de que necessitamos... Na aspereza de meus sentimentos deseducados, vinha eu adubando o espinheiro do ciúme, atormentando-te o pensamento e perturbando a nossa casa! Mas, em alguns dias rápidos, adquiri mais ampla penetração em nossos problemas, usando a chave da boa vontade!... Quero melhorar-me, progredir, reviver...

O ferroviário contemplou-a, carinhoso e reverente, e acentuou, desalentado:

— Isso não impede a terrível realidade. Achamo-nos em dois mundos diferentes... Infortunado que sou! sinto-me desarvorado e infeliz!...

— Achava-me igualmente assim, contudo, procurei no silêncio e na oração o roteiro renovador.

— Que fazer de Zulmira, colocada entre nós como empecilho à nossa verdadeira união?

— Não raciocines desse modo! ela não permaneceria em tua estrada sem motivo justo.

Nesse instante, Clarêncio abeirou-se do ferroviário e, tocando-lhe a fronte com a destra, ofereceu-lhe ao campo mental o retorno imediato às recordações das dívidas por ele contraídas no Paraguai.

Amaro estremeceu e continuou escutando.

— Se Zulmira foi situada no templo de nosso amor — prosseguiu Odila, admiravelmente inspirada —, é que nosso amor lhe deve a bênção da felicidade de que nos sentimos possuídos...

— Sim... sim... — aprovava agora o interlocutor, de posse das reminiscências fragmentárias que lhe assomavam do coração.

— Interpretemo-la por nossa filha, por irmã de Evelina, cujos passos nos compete encaminhar para o bem. O lar não é apenas o domicílio dos corpos... E' o ninho das almas, em cujo doce aconchego desenvolvemos as asas que nos transportarão aos cumes da glória eterna. Aceitemos a provação e a dor, como abençoadas instrutoras de nossa romagem para Deus...

— Todavia — ponderou o mogo, triste —, mas quanto te amo!...

— Não ignoras, por tua vez, que o teu coração constitui para mim o tesouro maior da vida, entretanto, hoje vejo o horizonte mais largo... Valeria realmente o brilho dos oásis fechados? Serviria a construção de um palácio, em pleno deserto, onde estariamos humilhando com a nossa saciedade os viajores que passassem por nós, mortificados de sede e fome? como categorizar o carinho que se pervertesse no isolamento, a pretexto de conservar a ventura só para si? Renovemo-nos, Amaro! Nunca é tarde para recomeçar o bem!... Trabalhemos, valorizando o tempo e a vida!...

Tocado talvez nas fibras mais íntimas, o pai de Evelina chorava convulsivamente, infundindo piedade...

Odila enlaçou-o com mais ternura e Clara convidou-nos a excursão através do grande jardim próximo.

A breves instantes, achávamo-nos em plena contemplação do céu...

Os dois cônjuges instalaram-se em perfumado recanto para a conversação a sós.

Notámos que a orientadora se preocupava em deixá-los entregues um ao outro, para mais seguro ajuste espiritual. E, enquanto ambos se recolhiam a confortadoras confidências, distanciámo-nos, de algum modo, admirando a beleza da noite.

Maravilhoso, o firmamento cintilava.

Longínquas constelações como que nos acenavam, indicando glorioso futuro...

Virações suaves deslizavam, de leve, quais se fossem cariocas e intangíveis mãos do vento, amimando-nos a cabeça.

Flores de rara beleza vertiam do cálice raios de claridade diurna, como pequeninos e graciosos reservatórios do esplendor solar.

Irmã Clara fascinava-nos com a sua palavra brilhante. Com simplicidade encantadora, comen-

tava suas viagens a outras esferas de trabalho e realização, exaltando em cada narrativa o amor e a sabedoria do Pai Celestial.

Por largo tempo, embevecidos, permutámos impressões acerca da excelsitude da vida que se nos revela sempre mais surpreendente e mais bela, em cada plano da Criação.

Avizinhava-se o novo dia...

Tornámos à presença do casal para devolver o companheiro ao lar terrestre. Ambos, ao término do grande entendimento, apresentavam o rosto pacificado e radiante.

Irmã Clara guardou a pupila nos braços e as duas seguiram-nos a romagem de volta.

Em casa, Amaro despediu-se de nós, risonho e calmo.

Dispúnhamo-nos à retirada, quando a instrutora nos advertiu:

— Esperemos. Odila retomará hoje a tarefa. O relógio marcava seis da manhã.

A maneira de colegial em dia de prova, a transfigurada mãezinha de Júlio fitava-nos com extrema expectação...

Amaro recuperou o corpo físico, descerrando os olhos com excelentes disposições.

Não conseguira relacionar os aspectos particulares da excursão, mas conservava no cérebro a indefinível certeza de que estivera com a primeira esposa em «algum lugar» e que a vira reanimada e feliz.

Distendeu os braços com a deliciosa tranquilidade de quem encontra o fim de longa e aflitiva tensão nervosa.

Levantou-se, reparando que o dia começava alegre e lindo, sem dar conta de que a alegria e a beleza haviam renascido nele próprio.

Sentia vontade de rir e cantar...

E, depois de ausentar-se do banheiro, onde can-

tarolou baixinho uma canção que lhe recordava o tempo em que se consorciara pela primeira vez, tornou, sorridente, ao quarto de dormir.

Foi então que Odila o enlaçou carinhosamente e exclamou:

— Vamos, querido! Estendamos a nossa felicidade! Zulmira espera por nosso amor...

